

OS POVOS INDÍGENAS NO AMAPÁ E O MUSEU SACACA¹

Iana Keila Lima dos S. Duarte (PPGEF/UNIFAP)²

Drº Marcus Cardoso (PPGEF/UNIFAP)³

Palavras-chave: Povos indígenas; Museu; Territorialidade.

Este artigo tem como objetivo apresentar as vivências e as reivindicações elaboradas pelos povos indígenas no estado do Amapá, especificamente os Palikur, os Wajãpi, os Aparai e os Wayana, no espaço museológico denominado de Museu Sacaca. Esses povos indígenas, desde 2002, têm estabelecido relações colaborativas neste espaço museal no que se refere ao fortalecimento de sua cultura e de sua identidade. As reflexões propostas nesta discussão estão direcionadas para a análise de dois aspectos centrais: (a) primeiro, as casas indígenas construídas por eles e seus familiares, o que proporcionou a transmissão de conhecimentos e a divulgação do modo de ser e viver desses povos; (b) e a segunda, sendo a mais atual demanda reivindicada em 2019, após a construção das novas casas, de que os próprios indígenas sejam os mediadores e interlocutores de seus conhecimentos. Eles anseiam atender, acompanhar e dialogar com os visitantes nas atividades diárias de visitas mediadas, de ações culturais e educativas do Museu Sacaca, e que não mais um técnico não índio os represente.

O material de pesquisa aqui apresentado foi obtido de três maneiras distintas: (a) pesquisa e levantamento bibliográfico sobre as etnias indígenas que vivem no Amapá, análise de dados documentais que versam sobre a história do Museu Sacaca, análise do acervo fotográfico sobre as primeiras casas construídas pelos indígenas no museu, os relatórios anuais que mostram as ações culturais realizadas, o projeto museológico e pedagógico do Museu Sacaca; (b) a segunda etapa foi a pesquisa de campo de caráter etnográfico, feita em 2019, quando foi possível acompanhar a construção dos três modelos de casas indígenas das etnias Palikur, Wajãpi e Aparai e Wayana, na área da exposição a céu aberto do Museu Sacaca. Durante a pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas com os representantes dos povos indígenas, quando conversamos sobre a importância deste espaço e o significado dessa ação dentro do museu para eles, material

¹ “Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.”

² Mestranda em Estudos de Fronteira pela Universidade Federal do Amapá, graduada em Pedagogia.

³ Doutor em Antropologia pelo PPGAS/UnB.

este que será explorado neste trabalho; (c) a terceira etapa da pesquisa foi o acompanhamento do ato de entrega das casas indígenas para o museu Sacaca, em agosto de 2019, através de uma ação cultural denominada “Festa dos Povos”. Esta programação reuniu várias etnias que vieram de seus territórios indígenas para compartilhar com os seus parentes e com os visitantes as suas danças, suas bebidas e seus artesanatos. Nesse dia, os indígenas atuaram como os mediadores no museu, podendo representar as suas etnias, vender seus artesanatos, realizar pinturas corporais e compartilhar conhecimentos sobre a sua cultura e a sua identidade. Esse ato foi uma forma de fortalecer a proposta deles ante a sociedade amapaense e as autoridades governamentais que estavam presentes nesta festa, ressaltando a importância de os indígenas atuarem como mediadores no Museu Sacaca, podendo dialogar com os visitantes que frequentavam este lugar.

O MUSEU SACACA E OS POVOS INDÍGENAS NO AMAPÁ

Os museus são espaços que proporcionam variadas discussões e reflexões que possibilitam novas formas de apropriação e diálogo com diferentes segmentos sociais, inclusive com os povos indígenas. A pesquisadora Velthem menciona que os museus podem se tornar “lugares onde novos significados podem ser atribuídos aos movimentos de preservação cultural e de afirmação de identidades” (2012, p. 58).

Localizado na cidade de Macapá, em um bairro próximo a área central, o Trem, o Museu Sacaca recebeu este nome, em 1999, para homenagear Raimundo dos Santos Souza, representante das tradições culturais amazônicas, curandeiro e conhecedor das plantas e ervas medicinais da Amazônia. O museu é subordinado ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá-IEPA e, por meio da Lei nº 1175, de janeiro de 2008, houve uma mudança na estrutura organizacional do Instituto. Atualmente, o organograma do Museu Sacaca consiste na Coordenadoria de Difusão Científica e Tecnológica-CDCT, que é o setor que coordena os programas e projetos de difusão científica e cultural do IEPA e do museu; no Núcleo de Museologia-NUMUSEO, responsável pela pesquisa, documentação, conservação e comunicação; numa gerência de Museu Escola e numa gerência de Exposição a Céu Aberto, que apoiam a dinâmica de atendimento do museu. Contam, atualmente, com cerca de 20 servidores, além de outros prestadores de serviço que são contratados temporariamente e executam a função de mediadores neste espaço. O Sacaca possui uma área de exposição de 20 mil metros quadrados que retratam a multiplicidade cultural do Amapá, representada através das

ambientações que retratam as comunidades indígenas, ribeirinhas e negras, reconstituídas a partir de um ambiente natural de comunidades existentes no estado, utilizando como matéria-prima em sua construção os elementos fundamentais da realidade cotidiana das populações tradicionais da região, como madeiras, palhas e fibras naturais. É um espaço que reproduz a vida amazônica, mostrando tanto sua biodiversidade, como a diversidade cultural. É um ponto de encontro do conhecimento científico, do saber popular e da vida das populações tradicionais.

Em cinco de abril de 2002, é inaugurada uma exposição permanente no Museu Sacaca, uma exposição a céu aberto, e por meio dela tem se estabelecido relações entre os povos indígenas e os visitantes que frequentam o espaço. Entre 2002 e 2019, foram construídas três vezes dentro dessa exposição as casas que representam as etnias Palikur e Wajãpi, nos anos de 2002, 2011 e 2019, ano este em que foi inserida uma nova ambientação, a casa Wayana e Aparai. Tais construções foram resultado de uma política de luta desses povos, da proposta de um museu fundamentado na nova museologia, dos anseios de pesquisadores e técnicos do Museu e da necessidade de reforma das casas para a exposição.

Os primeiros contatos dos representantes do Sacaca com os povos indígenas para a participação colaborativa deles no projeto da nova exposição do museu ocorreram no final da década de 1990, por meio de outro projeto de pesquisa, desenvolvido pelo IEPA, chamado “Farmácia da Terra”. Por meio deste projeto, os pesquisadores do IEPA e do museu visitaram territórios indígenas, conheceram a realidade deles e ouviram os anseios destes povos. As ações deste projeto aproximaram técnicos, gestores e indígenas, fortalecendo a comunicação entre eles. No período compreendido entre 2000 e 2002, as conversas entre os técnicos do Sacaca e os indígenas sobre a exposição a céu aberto foram intensificadas. O projeto foi apresentado aos conselhos dos povos indígenas para as devidas avaliações, o que levou a aceitação por parte deles da efetivação da construção das casas e a definição das famílias que iriam participar do projeto do novo espaço no Museu Sacaca. E, desta forma, os indígenas apropriaram-se desse espaço, tornando o Museu um instrumento que eles poderiam utilizar para dialogar com a sociedade amapaense, com a nacional e com a internacional, seja através do circuito museográfico, das construções idênticas às suas habitações, dos objetos e seus significados, das ações culturais realizadas por eles, entre outros atos, que possibilitassem aos visitantes,

especialmente aos alunos das redes pública e privada, obter conhecimento sobre a diversidade cultural dos povos indígenas.

Por meio desta exposição, os povos indígenas puderam representar o cotidiano de suas aldeias, inserir elementos que representassem a sua identidade e a sua cultura, com um diferencial importante: não era a concepção dos técnicos e, sim, o olhar deles no processo de constituição da narrativa museográfica. As casas têm um significado importante para eles, são, antes de tudo, elementos concretos, artefatos que revelam conhecimentos ambientais, técnicos, estéticos, de organização social e de identidade; não são apenas objetos que compõem um acervo museológico, mas a história e as memórias de seus povos. Isso nos levou a refletir sobre a importância dos museus para os povos indígenas e as suas relações neste espaço, em uma perspectiva de reconhecimento, de comunicação e de relações de territorialidades dentro do Museu Sacaca.



Fig. 01: Mapa da área da exposição a céu aberto do Museu Sacaca – Macapá-AP
Fonte: Acervo do Museu Sacaca

De fato, no último século, o modelo museológico baseado em estruturas como prédios, organizados para guardar objetos e coleções vem sendo discutido, o que motivou a criação de novos espaços, como os ecomuseus, os museus comunitários, os museus a céu aberto, entre outros. Fundamentada nestas novas propostas museológicas de museus a céu aberto, descrevemos as narrativas de três etnias indígenas no Amapá dentro da exposição a céu aberto do museu Sacaca.

A partir da década de 1960, surge um movimento de renovação dos museus, conhecido como ‘nova museologia’, o qual exigiu transformação radical dos objetivos destas instituições, propondo ideais políticos de democratização cultural e de educação popular, chamando, ainda, atenção sobre a necessidade de consolidar os museus como “[...] campo[s] de reflexão teórica e epistemológica. ”. (DUARTE,2013, p.100 apud SHEPARD JR et.al., 2017, p.766).

Segundo Velthem, Kukawka e Joanny (2017), os museus são lugares de atuação, de memória, de movimento pelo reconhecimento, capazes de produzir significados e

funções vocacionados para a mediação cultural. Taylor menciona que “a identidade é criada dialogicamente como reação às nossas relações” (1994, p. 25). Sendo assim, representantes das etnias Palikur, Wajãpi, os Aparai e Wayana vêm atuando dentro do Museu Sacaca apresentando os seus bens materiais e imateriais, como a construção de suas casas, bancos, artesanatos, a narração de suas lendas, entre outros. Além disso, dentro das casas, havia elementos como máscaras, colares, cuias decoradas, redes e objetos de trabalho utilizados em seu dia a dia: arcos, flechas, pilão e peneiras. Conforme depoimentos dos indígenas, eles colocaram esses objetos para que a casa tivesse “vida”. Athias (2011, p.191) ratifica que “cada objeto tem uma vida própria”, e que “esses objetos foram construídos para uma finalidade específica no campo simbólico”. Logo, as casas construídas neste ambiente museal proporcionaram a transmissão de conhecimentos, de relações de territorialidades, de valorização, de respeito, de memórias e de comunicação. Os indígenas mais jovens tiveram a oportunidade de aprender dentro do museu a construir as suas casas, estudando as técnicas peculiares deste conhecimento tradicional, ensinadas pelos indígenas mais velhos. Podemos citar Novaes (1983, p.03), que menciona que “entrar numa casa é invadir um mundo, é penetrar na intimidade daqueles que aí convivem” e, ainda, é descrever toda a “organização do espaço de uma sociedade, a partir de um ponto de vista social e cultural” (NOVAES, 1983, p.05). A partir das casas indígenas, foi possível compreender as relações estabelecidas entre os representantes indígenas e o museu e compreender o significado deste espaço ou deste território para eles. Haesbaert (1997, p.41) diz que “o território também pode ser um lugar de ritos, expressando valores e confrontando crenças”, podendo ainda ter características “de dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, afetiva”. Outro estudioso assevera que a territorialidade é um fenômeno social:

A territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos. Nas territorialidades, há continuidades e descontinuidades no tempo e no espaço; as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão-lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar. (SAQUET 2008, p. 88).

As territorialidades são, para Saquet (2008), relações do cotidiano, ou seja, as relações sociais que estão inseridas “no trabalho, na família, na praça, na igreja, nas cidades, ou no espaço rural”.

Antes de iniciar a construção das casas, em 2019, em uma reunião, os representantes indígenas apresentaram às autoridades governamentais os seus anseios e reivindicações. Deixaram registrados dois pedidos: o primeiro de que as outras etnias que vivem no estado do Amapá tenham oportunidade de ter suas casas construídas no Museu Sacaca (assim como os Palikur, Wajãpi e Aparai e Wayana), para que a população conheça também a cultura desses outros povos; e o segundo, enfatizado pelo Cacique do povos indígenas do Oiapoque e ratificado pela secretaria dos povos indígenas, de que os próprios indígenas sejam responsáveis por mediar e explicar sobre as casas, o acervo exposto e a sua cultura, e não mais os não índios. A indígena responsável pela Secretaria Extraordinária dos Povos Indígenas-SEPI menciona que: “tem muitos indígenas aqui em Macapá estudando, que podem fazer este trabalho, nós só precisamos dar esta oportunidade”, “nós já temos os nossos acadêmicos, os nossos indígenas estão aí para fazer esse trabalho dos mediadores do museu” “quem ia contar a história do povo Palikur? A história do povo Wajãpi? Quem mais sabe dessa cultura, se não o próprio índio Palikur e o índio Wajãpi? Pra falar do seu dia a dia, de seus anseios, dos artesanatos”. Com esses pedidos, foi estruturado um projeto, organizado pela SEPI e seus representantes, e foi apresentado aos gestores do estado do Amapá, para que esta reivindicação fosse oficializada e encaminhada para que, assim, os indígenas pudessem ser contratados e passar por cursos de qualificação na área da museologia.

Casa Palikur: um retorno às memórias de suas casas

“O museu é um lugar que se pode guardar os nossos costumes, através de um pequeno pote, um pequeno objeto, nós podemos saber a história dos nossos ancestrais. Esse evento, a festa dos povos é muito gratificante. Estar junto com os Wajãpi, nós estamos aprendendo com eles e eles com a gente”. (DILZIANE, 23 anos, pertencente a etnia Palikur, do rio Uaçá, Aldeia Kumenê)

Os Palikur são os habitantes mais antigos dentre as populações indígenas que atualmente vivem nesta região. Localizam-se nos dois lados da fronteira Brasil-Guiana Francesa. Em território brasileiro, estão no extremo norte do estado do Amapá, no município de Oiapoque, na região da bacia do Uaçá. Falam o *parikwaki*, uma língua pertencente à sub-família *Maipure* filiada à grande família linguística *Arawak*, *Aruak*, mas comunicam-se também em português, francês e patoá-língua regional.

Os Palikur participam das ações no Sacaca desde a inauguração da exposição a céu aberto, em 2002. Atualmente, esta ambientação tem a função de representar os povos do Oiapoque – ‘Galibi Marworno’, ‘Palikur’, ‘Karipuna’, ‘Galibi do Oiapoque’.

Ao observar a construção das casas indígenas no museu Sacaca, podemos destacar alguns aspectos relevantes: todos os materiais para a edificação das casas vieram das aldeias, o que demonstra a relação desses povos com a natureza e com os seus territórios. As casas deveriam ser idênticas às das aldeias. Os troncos, as palhas e os cipós vieram do município Oiapoque, localizado a 550 quilômetros da capital Macapá. As paxiúbas foram retiradas de territórios indígenas, da aldeia do Kumenê, a quatro horas de viagem do Oiapoque. Os materiais percorreram rios e estradas até chegarem ao seu destino, o Museu Sacaca.

A construção da primeira casa Palikur no Sacaca aconteceu em 2002, para a inauguração da exposição a céu aberto. A segunda casa, em 2011, para a reinauguração do museu, já que a primeira havia se deteriorado devido às intempéries. A terceira, em 2019. O modelo construído é uma casa de moradia dos Palikur que demonstra a relação desses povos com a natureza, que vai desde a escolha dos troncos e dos cipós até as palhas para a construção da ambientação. Ela é feita de armação, com materiais que são chamados de “mekua”, “timoki” e “kawapi”, amarrados com cipó do mato. O assoalho é feito de paxiúba, o telhado e as paredes são cobertos por folhas novas (chamadas de olhos) da palmeira de inajá.



Fig.02. Primeira casa Palikur construída no Sacaca
Foto: Museu Sacaca/Núcleo de Museologia



Fig.03. Segunda casa Palikur, construída em 2011.
Foto: Acervo do Museu Sacaca/Núcleo de Museologia



Fig.04. Terceira casa Palikur.
Foto: Acervo do Museu Sacaca



Fig.05. Indígenas que construíram a casa Palikur, em 2019.
Foto: Iana Duarte

A casa é uma réplica de uma das ambientações utilizadas pelos povos antigos desta etnia. A atual casa, construída em 2019, possui a dimensão de seis metros de comprimento por quatro de largura, com o telhado de quatro águas, que facilita o escoamento da água da chuva. Foram utilizadas em média 400 palhas de inajá⁴ para revestir a casa, e esteios de acapú⁵. Para o piso foi utilizado aquariquara⁶, revestindo o assoalho com as cascas de açazeiro ou paxiúba⁷. O telhado e paredes são feitos de palha de inajá e amarrados com cipó do mato, cipó de fogo ou cipó titica⁸. A técnica de amarração, dispensa a utilização dos pregos, somente o cipó titica e o conhecimento tradicional deste povo são suficientes para dar sustentabilidade e firmeza na ambientação. Esta casa tem a duração, em média, de cinco anos, dependendo da manutenção periódica realizada na casa indígena, uma vez que estas estão sujeitas às intempéries da natureza e aos insetos. Participaram da construção da casa Palikur em 2019, o cacique do Conselho dos Caciques Gilberto Iaparrá, Ataídes Narciso, Eldecy Narciso Iaparrá, Joel Narciso

⁴ Inajá (*Attalea maripa*), também conhecida como anaiá, anajá, aritá, inajazeiro, maripá e najá, é uma palmeira nativa da região norte do Brasil, sendo Roraima e Amapá os estados de maior concentração. Alcança até 20 metros de altura e possui estipe anelado, com palmito nobre, folhas dispostas em cinco direções e inflorescências interfolias. Os frutos do inajá tem uma polpa suculenta e comestível e possuem uma amêndoa, de onde se pode extrair um óleo amarelo, que pode chegar até 4.000 litros por hectare.

⁵ O nome científico do **acapu** é: *Vouacapoua Americana*. **Acapu** é o nome popular de uma árvore da família das Fabáceas (ex-Leguminosas), que ocorre no Brasil, na Guiana, Peru e Suriname. Produz madeira de cor escura muito boa para a construção civil e naval.

⁶ **Nome Científico:** *Minuartia guianensis* Aubl., *Olacaceae*. Procedente do Amazonas, Pará e Amapá. É conhecida também como acariorana, acariúva e acari. No exterior é conhecida como *manwood*. Pode ser considerada uma árvore de porte grande, sendo seu tronco irregularmente cavado, suas folhas contêm látex. Já foi observada na mata uma frequência de 13 a 19 árvores por hectare, correspondendo a um volume médio de 1,3 m³/ha.

⁷ *Socratea exorrhiza* pertence à família das Arecaceae, que ocorre da América Central até a Bacia do Amazonas. Natural de locais alagadiços, onde suas raízes adventícias garantem sustentação adequada. As raízes da *Socratea exorrhiza* podem atingir dois metros e a palmeira uma altura de 20 metros. Suas folhas podem atingir dois metros de comprimento e estão fixas à uma coroa azul esverdeada. O coração da palmeira tem um gosto amargo e é degustado pelos moradores do país. No Brasil um de seus nomes é "paxiúba" utilizada como ripa em construções rústicas e também na confecção de caravelas e bengalas por conta da resistência de sua madeira. É considerada uma espécie ornamental, além de seus frutos serem apreciados pelas aves.

⁸O cipó-titica (*Heteropsis flexuosa* (Kunth) G.S. Bunting) é uma hemiepífita endêmica da Amazônia. Suas fibras naturais são utilizadas para tecer cestarias, objetos decorativos e mobílias artesanais. O estado do Amapá é o principal fornecedor dessa fibra para as indústrias do Brasil.

Iaparrá, Jeferson Narciso Ioiô e Genivaldo Ioiô, pertencentes a Aldeia Kumenê, BR 156/AP.



Fig.06. Trançado das palhas
Foto: Iana Duarte



Fig.07. Telhado da casa Palikur
Foto: Iana Duarte

As habilidades e o trançado das folhas realizado pelos Palikur chama atenção pela beleza do conhecimento tradicional desses povos. A construção dessa casa no museu trouxe para os indígenas o sentimento e a lembrança do tempo em que seus povos viviam neste tipo de moradia. Atualmente, em suas aldeias, existem outros tipos de casas, não são somente as feitas com os materiais da floresta, muitas são construídas de alvenaria, como afirma Narciso Iaparrá, da aldeia Kuarí, 23 anos:

“É a primeira vez que faço esse tipo de casa, na verdade eu fiz um outro tipo de casa de lá da nossa região, a arte dessa é diferente. Hoje em dia, a gente constrói a casa com outros materiais com telha e material de lei. Vendo essa arte maravilhosa aqui dentro do Museu Sacaca, aqui em Macapá, eu estou muito feliz, de participar desta construção aqui, sabendo que a gente vai ser representado aqui dentro do museu. Isso traz uma emoção, a gente tá lá na base. Aqui é um ponto turístico, para o pessoal saber da cultura, saber como a gente vive lá”. (NARCISO IAPARRÁ, Macapá, 2019)



Fig.08. Chegada dos materiais



Fig.09. Armação da casa



Fig.10. Construção do assoalho

Fotos: acervo do Núcleo de Museologia/Museu Sacaca

Estes povos demonstraram estar à vontade naquele lugar por poder contribuir com o museu. Na fala de Jordanilton, Palikur, 22 anos, ele menciona o significado de museu para ele: “um museu é um espaço onde armazenam bem cultural da humanidade, para resgatar, para não perder, para sempre ser lembrado”.

Casa Wajãpi, a Casa Jura

“É a primeira vez que venho conhecer o museu, eu acho bonito, eu vi várias coisas a tartaruga, o jabuti eu vi tudo, tá tudo protegido, o museu é bem organizado. É um lugar ventilado, parece como a gente mora na floresta. Eu senti parece como estivesse na aldeia, parece a aldeia do limite”. (KYIWA, WAJÁPI, 39 anos, Macapá, 2019).

Os wajãpi vivem na região de fronteira entre Brasil e a Guiana Francesa. No território brasileiro, habitam a terra indígena Wajãpi, nos municípios de Laranjal do Jari e Pedra Branca do Amapari (Amapá) e o parque indígena de Tumucumaque (Pará). Os Wajãpi falam uma língua tupi-guarani. Os que vivem na Guiana Francesa apresentam diferenças dialetais a nível fonético e lexical em virtude das influências de línguas karib e os que vivem no Oiapoque falam francês.

Semelhante aos Palikur, no mesmo período, os Wajãpi construíram sua casa no Museu Sacaca. A paisagem natural do museu modificou-se, em virtude do crescimento das árvores e a inserção de outras edificações. A própria casa indígena Wajãpi, ao longo dos anos, foi construída em diferentes espaços, escolhidos pelos próprios indígenas, levando em consideração o posicionamento das árvores e a firmeza do terreno do museu. Assim, apresentar a cultura amazônica e valorizar o conhecimento tradicional contido na arquitetura das casas indígenas em um espaço museológico, trouxe o olhar atento dos frequentadores dos museus aos diferentes grupos indígenas, que compartilharam, em um espaço de 20 mil metros quadrados, características étnicas diferenciadas, mas com um único objetivo: proteger e difundir o seu modo de ser e de viver.

Segundo Gallois (2009), existem três tipos de casas ou habitações: “Jura, a casa maior, com pavimento elevado; YvY’o, a casa térrea, e a Tapaina, um tipo de casa provisória, também conhecida regionalmente, como Tapiri”. A Oka (casa em Wajãpi) é feita quando nasce o primeiro filho de um casal e cada habitação pertence a uma família. Os materiais utilizados para a construção da casa vêm da floresta: troncos, palhas e cipós.

A casa construída no Sacaca é denominada “casa Jura”. Este tipo de casa chama atenção pelo seu tamanho e por possuir dois pavimentos, um superior e outro inferior. Os antigos Wajãpi diziam que esta estrutura era para guardá-los dos perigos da floresta, como onças, que andavam pelos arredores das aldeias. A parte superior serve para dormir e a inferior para cozinhar, descascar mandioca, brincar com as crianças, e outras atividades. Cada elemento da casa tem seu nome específico, a cobertura pode ser de palha warakuri (palha preta) ou folha de ovi (ubim), amarradas com ãsimõ (cipó-titica). O piso é feito de

troncos de açai ou paxiúba. O acesso ao piso superior se dá por meio de uma escada construída com o tronco de andiroba entalhado. Os indígenas não fixam a escada na casa, ela é móvel, para que facilite a retirada nos momentos em que eles necessitarem sair ou viajar. Outra característica interessante sobre a cultura indígena Wajãpi é o trançado ou a costura da folha de ubim. Cada folha possui em média 50 cm de comprimento. As folhas de ubim são costuradas de três em três e em ripas feitas com galhos flexíveis e são, em seguida, amarradas em caibros, protegendo-os da chuva.

O Senhor Jamano Waiãpi, 40 anos, casado, agente de saúde, presidente da Associação dos Povos Indígenas do Triângulo do Amapari-APIWATA, comenta: “Nós moramos nesse tipo de casa, ela é tradicional, essa casa é o nosso documento. Tudo o que tem aqui é importante, a casa, a peneira, o abano, sem isso a gente não vive. Estamos felizes aqui no museu, lembramos da nossa aldeia, o peixe que tem aqui no museu, bate vento e é bem frio”.



Fig.11. Pilão
Foto: Iana Duarte



Fig.12. Casa Wajãpi
Foto: Iana Duarte

A pesquisadora Gallois (1983) ressalta que as habitações ou as casas dos Wajãpi variam de acordo com os seus assentamentos, a movimentação deles acompanha o período agrícola. Para eles, quando uma casa está deteriorada, dificilmente ela é consertada, eles preferem construir uma casa nova. Fato que aconteceu no museu: os Wajãpi derrubaram a casa antiga e iniciaram uma nova construção.



Fig.13. Primeira casa Wajãpi, construída em 2002
Foto: acervo Núcleo de Museologia



Fig.14. Segunda casa Wajãpi, construída em 2011
Foto: acervo Núcleo de Museologia

Kyiwa Wajãpi, 39 anos, mora na aldeia, mencionou:

“É a primeira vez que venho conhecer o museu, eu acho bonito, eu vi várias coisas a tartaruga, o jabuti eu vi tudo, tá tudo protegido, o museu é bem organizado. É um lugar ventilado, parece como a gente mora na floresta. Eu senti parece como estivesse na aldeia, parece a aldeia do limite. A gente fica triste de deixar a nossa casa aqui, mas a gente vai voltar, enquanto a gente não morre, a gente pode voltar. Quando a gente morre não volta mais. Mas eu não vou pensar isso, não vou pensar negativo, vou pensar positivo. ”. E acrescentou: “eu gostei da floresta, aqui tem tudo, tem açazeiro, tem pupunheira, tem várias coisas. Eu adoro vir aqui, a gente mora dentro da floresta” (KYIWA, Macapá, 2019).



Fig.15. Terceira casa Wajãpi, construída em 2019
Foto: acervo Núcleo de Museologia

Na casa Wajãpi construída em 2019 estavam presentes alguns representantes da etnia wajãpi dentre eles: Matã Waiapi (65 anos) e seus netos Sakarija Waiapi (18 anos), Savijui Wayãpi (26 anos), Paarã Waiapi (22 anos), Karija Waiãpi (23 anos) e Iri’a Waiapi (29 anos). Este grupo pertence à Perimetral Norte. O senhor Matã, conhecedor das técnicas da casa Jura, participou dos três momentos em que as casas foram construídas no museu Sacaca. Falava muito pouco o português, mas os netos o ajudavam traduzindo as nossas perguntas para sua língua. Ele mostrava-se à vontade naquele lugar. Ele era o

responsável por ensinar os mais novos o conhecimento tradicional para a construção da casa Jura. Alguns jovens indígenas estavam construindo pela primeira vez esse tipo de casa, e o museu, além de ser um lugar em que os povos indígenas apresentam a sua cultura à sociedade, tornou-se um lugar de transmissão de conhecimento entre eles.



Fig.16. Construção da casa Jura
Foto: Iana Duarte



Fig.17. Estrutura superior
Foto: Iana Duarte



Fig.18. Amarração cipó-titica
Foto: Iana Duarte



Fig.19. Construção da casa Jura
Foto: Núcleo de Museologia



Fig.20. Estrutura superior e inferior
Foto: Núcleo de Museologia



Fig.21. Cobertura do telhado
Foto: Núcleo de Museologia

Os materiais utilizados para a edificação da casa foram retirados de suas aldeias: troncos de aquariquara para os esteios verticais, para o piso, foram utilizados troncos de açazeiro ou paxiúba (*pasi'y*), vigas de andirobeira para as colunas de sustentação da casa, folhas de ubim (*ovi*) para construir a cobertura e cipó-titica para amarrações de todas as estruturas da ambientação. A casa Wajãpi construída em 2019 possui as dimensões de 5 metros de comprimento, 3,5 metros de largura e 5 metros de altura. Os materiais foram retirados das aldeias, cujo acesso não é fácil: elas são distantes da capital Macapá e o transporte desses materiais das aldeias para o museu tiveram um custo muito elevado. Mas tudo isso valeria a pena, pois existe um significado próprio para estas etnias. Os significados e as relações com o lugar, com o espaço e com a natureza destes povos ganharam, dentro do espaço do Sacaca, uma dimensão que atravessou os seus territórios indígenas. Saquet (2008, p.88) compreende que “as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar, elas dão identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas”.



Fig.22. Cipó para amarração
Foto: Iana Duarte



Fig.23. Galhos para sustentação
Foto: Iana Duarte



Fig.24. Folhas de ubim
Foto: Núcleo de Museologia

Em meio a este processo de construção da casa Wajãpi no Sacaca, no dia 23 de julho de 2019, aconteceu um fato marcante que afetou a sociedade amapaense e os povos indígenas do Amapá: a morte do cacique Emira Waiãpi, de 62 anos, no município de Pedra Branca do Amapari. “Quando morre um sábio, morre com ele a história de um povo”, cita Erisvan Guajajara (MA). Este acontecimento movimentou a sociedade civil e acadêmica, o que ocasionou a paralisação das atividades no Museu Sacaca por algumas semanas. Várias vozes se juntaram para se posicionar diante de tamanha crueldade.

Após este período, as atividades foram retomadas. A presença dos povos indígenas e a entrega das casas aproximou a população amapaense novamente do museu Sacaca. A presença dos Wajãpi no museu é sempre muito marcante, seja através das danças, dos cânticos, da pintura de seus corpos, das vestimentas ou de seus objetos.



Fig.25. Dança Turé
Foto: Macksuel Martins



Fig.26. Inauguração da casa
Foto: Núcleo de Museologia



Fig.27. Crianças brincando
Foto: Iana Duarte

No dia 30 de agosto de 2019, em meio a uma programação cultural, os povos indígenas entregaram as suas casas para as visitas. Foi um dia para compartilhar conhecimentos de danças, de bebidas tradicionais, de pintura corporal e de comercializar os artesanatos indígenas. Era dia de festa para os guardiões da floresta.



Fig.28. Festa dos Povos
Foto:Macksuel Martins



Fig.29. Festa dos Povos
Foto:Macksuel Martins



Fig.30. Festa dos Povos
Foto:Macksuel Martins

Os museus fazem parte de um ato de comunicação e de construção social e cultural, cujo acervo é composto por bens materiais e imateriais que expressam e traduzem o modo de vida, socialmente apreendida por determinados grupos humanos, abarcando seus valores, suas motivações, seus pensamentos e seus comportamentos (ATHIAS, 2010, p.31).

Casa Wayana e Aparai, Tukussipan ou Poro'topo

“Eu me senti à vontade aqui no Museu Sacaca. Quando eu vesti a minha roupa eu me senti como se estivesse na aldeia, tomando sacurá” (CECÍLIA APALAI, Macapá, 2019).

Os Aparai e os Wayana são povos de língua Carib (karib) que habitam a região de fronteira entre o Brasil (rio Paru de Leste, Pará), o Suriname (rios Tapanahoni e Paloemeu) e a Guiana Francesa (alto rio Maroni e seus afluentes Tampok e Marouini). No Brasil, estão situados no alto e médio curso do rio Paru de Leste, dentro do Parque Indígena do Tumucumaque e da Terra Indígena Rio Paru D'Este - duas áreas indígenas contíguas no norte do Pará. Quanto a grafia do nome destes povos, podemos encontrar as seguintes terminações e identificações nas grafias para Wayana: Waiana, Wajana, Ajana; Aparai: Apalai, Apalay.

Segundo Vetlhem (2010, p.17), “Em meados da década de 90, apoiados pelo governo do estado do Amapá, teve início um processo de organização política desses povos indígenas com a criação da Associação dos Povos Indígenas do Tumucumaque - APITU”. Os Wayana e os Aparai, nos últimos anos, vêm frequentando as cidades de Belém (PA) e Macapá (AP) com o objetivo de cuidar da saúde, comercializar seus artesanatos, estudar e até mesmo fazer compras nestas capitais.

Um dos modelos de casas dos Wayana e Aparai foi construída em 2019, no espaço do museu Sacaca. Foi a casa de reunião, destinada ao uso comunitário, *poro'topo*, *parohoto* (Aparai) ou *tukusipan*, *tukussipan* (Wayana). Em português, os Wayana referem-se a ela como “prefeitura”. Esta casa é destinada a fornecer abrigo aos visitantes

que estão de passagem podendo ser os índios e os não índios ou, como eles chamam os brasileiros, denominados na língua deles de karaiwá. A *tukusipan* pertence ao chefe da aldeia, é uma casa de acolhimento ou um centro de celebrações, no período das festividades. A construção desta casa é circular, cônica, com um diâmetro de 8 a 10 metros, com um teto em forma de cúpula e sem paredes. A parte interna apresenta uma altura de cerca de dois metros. Na área interna e superior da cúpula da *tukusipan* está um ornamento arquitetônico que chama muito a atenção denominado *maluana* ou *maruana*, que é uma “roda de teto” de aproximadamente um metro de diâmetro. A *maruana* é feita da *sapopema* da *samaumeira*, cortada com um machado e aplainada com terçado. A arte da *maruana* é realizada de forma coletiva. Segundo Velthem (1983, p.176) “As figuras pintadas representam diversos seres mitológicos – *Kaukukuxi*; *kuruakë* (espécies de lagartas); *kanakotó* (híbrido de pássaro e peixe) e outros animais, como aves, batráquios e mamíferos”. A pesquisadora ressalta ainda que a *maruana* é uma peça de “decoração que conjuga formas estéticas e linguagem não verbal, referente a tempos pretéritos e atuais, pois o *Kuruakë* ainda vive na floresta. ”. A *maruana* não é construída na aldeia, mas em outro lugar escolhido por eles. Ao acompanhar a construção desta casa no Museu Sacaca, foi possível ouvir relatos dos indígenas que construíram a casa, sobre a importância deste objeto como um símbolo de proteção da aldeia. Na fala do indígena Kutanã, “a inserção deste objeto sagrado na *Tukussipan* também torna sagrado e protege o museu”.

Cecília Apalai, 46 anos, esposa do cacique, liderança da terra indígena do Tumucumaque, no município de Laranjal do Jari, menciona que: “A casa daqui do museu tem 5 por 5 [metros], é a metade da original. O material utilizado foi a palha de *ubim*. Essa palha é só para construir a nossa casa, essa palha é muito valorizada em nossa terra indígena. ”. Participaram: Joel Aparai Waiana, Asuí Aparai, Ribamar Waiana Aparai, Tore Waiana Aparai, Kutanã Wayana, Edir Wajãpi, Ruben Waiana e Jacó Aparai.

Construção da Casa *Tukusipan* ou *Poro'topo* na Área do Museu Sacaca



Fig 31. Delimitação do espaço

Fig. 32. Base da casa

Fig.33. Estrutura da casa



Fig.34. Inserir das palhas



Fig.35. Armação superior



Fig.36. Finalização do telhado

Fotos: acervo do Núcleo de Museologia/Museu Sacaca

A indígena Cecília Apalai explica a importância dos elementos inseridos na Casa Tukusipan no Museu Sacaca:

“A mandala faz parte da nossa cultura, tem uma simbologia pra nós, é uma proteção, da harmonia dentro das comunidades, para as pessoas dialogarem. A casa é usada lá na aldeia, justamente, para a gente dialogar entre nós, para socializar, trocar ideias, lá a gente decide nessa maloca. Aonde tem essa maloca é uma líder importante. Nossa, nós estamos muito felizes, eu como representante deles, lá dentro da minha aldeia, porque a gente tá mostrando um pouco das nossas realidades, onde moramos, como a gente está vivendo hoje, a gente não tem vergonha de mostrar a nossa cultura. A gente precisa transmitir para a sociedade que nós existimos. Todos os objetos que estão aqui na casa são importantes, são únicos”. (Cecília Apalai, Macapá, 2019)

Outro elemento inserido na tukussipan construída no Sacaca foi a máscara tamoko (*tamok, tamokoh*), que faz parte do conhecimento tradicional desta etnia.



Fig.37. Símbolo Maruana
Foto: Iana Duarte



Fig.38. Máscara Tamoko
Foto: Iana Duarte

Na festa dos povos, foi possível presenciar os indígenas dançando e bebendo a sacurá, que é uma bebida típica à base de mandioca. Ela é utilizada em acontecimentos considerados positivos na vida, nas caçadas, nas pescarias, e tantos outros motivos para se festejar. As festas são chamadas pelo termo wãko, que quer dizer dançar, diferenciando de uma festa de reunião. As festas podem durar de três a quatro dias, e só terminam quando acabam as bebidas.

A líder aparai ainda comenta sobre a importância e o seu entendimento sobre o significado de museu:

Eu não sei dizer direito, mas eu sinto que o museu é para valorizar as antiguidades, os conhecimentos dos ancestrais. Ele precisa permanecer vivo para mostrar para os nossos jovens que precisa conhecer o que foi construído há muitos anos atrás. E, hoje, é a nossa preocupação enquanto indígena, principalmente na nossa cultura, os conhecimentos tradicionais, principalmente com essa influência que chegou em nossas comunidades, vem prejudicando, como é que eu posso dizer, está acabando, porque as pessoas começam a apropriar o outro conhecimento, principalmente nas vestimentas. A própria comida tradicional, danças, contos, essas coisas, já estão começando a sumir. Os jovens não estão preocupados, já tem música popular, tudo isso já vem afetando. Eu sempre falo para a minha comunidade: a nossa cultura tem muito valor, a casa tem muito valor é uma identidade dos povos Wayana e Aparai, a gente não pode perder, tem que permanecer. (CECÍLIA APALAI, Macapá, 2019).

Assim, a participação das comunidades indígenas em espaços museológicos tem avançado no estado do Amapá. Temos como exemplo dois museus: o Kuahí dos Povos Indígenas do Oiapoque, localizado no município do Oiapoque (AP), em que, segundo a antropóloga Lux Vidal, em 1998, eles propuseram um museu que pudesse reunir os artefatos, saberes e conhecimentos das etnias Karipuna, Palikur, Galibi Marworno e Galibi Kaliña, tornando-o um lugar de memória, de documentação e de pesquisa; e o Museu Sacaca que, a partir da narrativa de representar os povos da floresta em ambiente de exposição a céu aberto, vem se tornando um instrumento de divulgação da cultura dos povos indígenas. Estes processos partem de uma “museologia colaborativa”, que são relações de inclusão e interações estabelecidas entre os profissionais de museus e as comunidades indígenas que mantem práticas com estes espaços.

As experiências realizadas em 2019 no museu Sacaca, a partir da edificação das três casas indígenas, promoveu reflexões, significados e sentimentos estabelecidos pelos Palikur, Wajãpi e os Wayana e Aparai no espaço museal. Foi possível observar em suas falas a importância e o significado de museu para eles, sendo um lugar de guarda de suas memórias, de relações sociais e de transmissão de conhecimento, a partir das leituras deles. O museu tornou-se um lugar de ensino e aprendizagem entre os indígenas, que explicavam as técnicas de edificação e de amarração dos cipós. Tanto os jovens Palikur quanto os jovens Wajãpi tiveram a oportunidade de aprender com os mais velhos a construir as suas casas, longe de suas aldeias, deixando registrado em suas memórias essas experiências realizadas no Museu. Ao finalizarem a edificação das casas, o sentimento demonstrado pelos indígenas que construíram foi o mesmo de estarem em suas aldeias, pela paisagem de floresta, as árvores frutíferas, o igarapé, os peixes, os animais que

viviam soltos na exposição a céu aberto. Todos estes elementos levaram a esse sentimento entre eles, o que nos leva a refletir sobre as relações de territorialidade, as comparações estabelecidas por eles entre o espaço territorial de suas aldeias e o museu Sacaca.

Atualmente, os indígenas lutam pelo direito de serem os mediadores dentro do museu Sacaca, anseiam por dialogar com os visitantes, com os alunos e turistas, e que não seja mais alguém que não conheça e nem viva a realidade deles que o faça. Querem compartilhar os seus conhecimentos e saberes, narrar as suas histórias e suas lendas. Afinal, quem melhor do que eles para transmitir a sua cultura? Eles reivindicam reconhecimento e protagonismo nos museus e em outros espaços públicos, exigem lugar de fala na primeira pessoa. Para isso eles têm se qualificado em cursos técnicos, de graduação e pós-graduação e almejam pôr em prática os seus conhecimentos acadêmicos associados ao seu modo de ser e de viver. Sem dúvida, existe uma memória institucional do Museu Sacaca junto com os povos indígenas, e, em 2019, eles deixaram registrado o anseio por mudança e um posicionamento diferenciado de serem os protagonistas nas atividades desenvolvidas pelo Museu, o que promoveria o fortalecimento da identidade desses povos, que buscam garantir os seus direitos e o respeito às suas diferenças culturais. De fato, este pedido ainda não foi atendido pelos gestores do estado, pois muitas variáveis estão envolvidas na efetivação desta ação, mas é certo que os povos indígenas têm se organizado e se posicionado pela busca da valorização do seu povo e da sua cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATHIAS, Renato. **Objetos Indígenas Vivos em Museus: Temas e Problemas sobre a Patrimonialização.** In: Athias, R.; Lima Filho, M.; Abreu, R. *Museus e Atores Sociais: Perspectivas Antropológicas.* Editora da UFPE, ABA Publicações, Recife. 2016 - pp. 189-2011.

_____. **Os objetos, as coleções etnográficas e os museus.** in, Espirna, A; Motta, A; e Gomes, M.H. *Inovação cultural, Patrimônio e Educação, Massangana, Recife .p. 303-312.* 2010.

ASSOCIAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO OIAPOQUE. **Plano de vida dos índios e organizações indígenas do Oiapoque.** Oiapoque: APIO, 2009. 45p. il.

CAPIBERIBE, Artionka. **Nas duas margens do rio: alteridade e transformações entre os Palikur na fronteira Brasil/Guiana francesa.** Rio de Janeiro, PPGAS-MN/UFRJ, 2009.

GALLOIS, Dominique Tilkin; GRUPIONI, Denise Farjado. **Povos Indígenas do Amapá e norte do Pará; quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?** 2ª ed., Rio de Janeiro: Iepé; Iphan/MinC, 2009.

_____. **A casa Waiãpi. Habitações Indígenas.** In NOVAES, Sylvia Caiubi (org.) - *Habitações Indígenas.* São Paulo: Nobel/Edusp, 1983.

GALLOIS, Catherine. **Wajãpi rena: roças, pátios e casas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio; Iepé, 2009.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Des-territorialização e Identidade**. Niterói: Editoria da UFF, 1997.

HONNETH, A. **Luta pelo reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003.

INSTITUTO SÓCIO AMBIENTAL-ISA. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/o-isa/programas/povos-indigenas-no-brasil>. Acesso em: 04 de setembro de 2020.

NOVAES, Sylvia Novaes (organizadora). **Habitações indígenas**. Edição da Universidade de São Paulo, Edusp, 1983.

OLIVEIRA, Augusto; De JESUS, Simone (organizadores). **Um Museu de Grande Novidades**. Iepa. Macapá, 2013.

SAQUET, Aurélio Marcos; SPOSITO, Savério Eliseu. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. (Organizadores) 1.ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SHEPARD JR., Glenn H.; LÓPEZ GARCÉS, Claudia Leonor; ROBERT, Pascale de; CHAVES, Carlos Eduardo. Objeto, sujeito, inimigo, vovô: um estudo em etnomuseologia comparada entre os Mebêngôkre-Kayapó e Baniwa do Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 12, n. 3, p. 765-787, set-dez. 2017.

TAYLOR, Charles. (Org.) **Multiculturalismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

VELTHEM, Lucia Hussak van; KUKAWKA, Katia; JOANNY, Lydie. **Museus, coleções etnográficas e a busca do diálogo intercultural**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 12, n. 3, p. 735-748, set-dez. 2017.

_____. **O objeto etnográfico é irredutível? Pistas sobre novos sentidos e análises**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 1, p. 00-00, jan-abr. 2012.

_____. **Livro da Arte Gráfica Wayana e Aparai: Waiana anon imelikut pampila – Aparai zonony imenuru papeh** / Lucia Hussak van Velthem e Iori Leonel van Velthem Linke (organizadores). Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI / IEPÉ, 2010. 96p. il. Color.

_____. **Onde os Wayana penduram suas redes?** In NOVAES, Sylvia Caiubi (org.) - Habitações Indígenas. São Paulo: Nobel/Edusp, 1983.

VIDAL, Lux Boelitz. **Povos Indígenas do Baixo Oiapoque: o encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver**. 1ª ed., Rio de Janeiro: Museu do Índio/Iepé, 2007.